



Grupo de estudos: libras formação inclusiva e humanística (GELFIH)

Study group: libras inclusive and humanistic training (GELFIH)

Recebido: 04/05/2022 | Aceito: 16/08/2022 | Publicado: 20/09/2022

Ariane Carreiro de Sousa Fernandes¹

 <https://orcid.org/0000-0001-5509-0777>

 <http://lattes.cnpq.br/5777467685793120>

Instituto Federal de Goiás/UNIGOÍAS, Brasil

E-mail: ariane.sousa@unigoias.com.br

Mairy Aparecida Pereira Soares²

 <https://orcid.org/0000-0001-5571-7154>

 <http://lattes.cnpq.br/9493269932458337>

Universidade Católica de Brasília, UCB, DF, Brasil

e-mail: mairy.ribeiro@unigoias.com.br

Resumo

Este texto tem como escopo apresentar algumas discussões realizados pelo Grupo De Estudos: Libras Formação Inclusiva e Humanística (Grupo De Estudos: Libras Formação Inclusiva e Humanística) criado neste primeiro semestre de 2022. As atividades desenvolvidas são relacionadas ao tema “O impacto da disciplina de Libras na formação acadêmica de bacharelados e licenciandos” O grupo envolve estudantes de graduação e professoras desta instituição da área de Libras em torno de discussões que visam difundir a libras e promover a naturalização das deficiências, sobretudo, a auditiva. Os percursos metodológicos adotado são pautados em pesquisa bibliográfica, leituras, debates e contextualização e exemplificação no mercado de trabalho, conforme as áreas de atuação dos discentes. Os resultados, por ora, obtidos não se restringiram e nem se restringem nas vivências pessoais de cada integrante, mas se desdobram em relatos de experiência, participação e apresentação em congressos, produção de ensaios, artigos e publicações diversas em periódicos.

Palavras-chave: Libras. Inclusão. Grupo de estudo. Formação.

¹ É graduada em Letras - Libras, pela Universidade Federal de Goiás (2014), especialista em Docência do Ensino Superior (2015), mestra em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (2021). Atualmente, é professora no Centro Universitário de Goiás, UniGoiás, onde ministra aulas de Libras e Português na modalidade a distância semipresencial. Membro do NIAU - Núcleo de Inclusão e Acessibilidade do UniGoiás, em que é responsável pela comissão do deficiente auditivo.

² Doutoranda em Psicologia- UCB-Brasília. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1998), graduação em Letras-Libras/ UFG, Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Literatura (2001), Especialização em Letramento Informacional (2015) e Mestrado em Educação pela PUC Goiás (2004). Atualmente, é instrutora da Escola de Governo Henrique Santillo/SEGPLAN-GO. Estatutária da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, atua como Coordenadora pedagógica Geral da Escola de Tempo Integral Ismael Silva de Jesus. Atuou como Tutora de área de Língua Portuguesa pela SEDUCE-GO e a distância pelo Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio no SisMédio. Exerce a função de Professora Tutora de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa e Libras EaD e revisora geral de material instrucional no UNIGOÍAS. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e gestão escolar, atua principalmente nos seguintes temas: Libras, leis, educação, formação de professores, Análise do Discurso Crítica e Educação Inclusiva.

Abstract

This text aims to present some discussions carried out by the Study Group: Libras Inclusive and Humanistic Training (Study Group: Libras Inclusive and Humanistic Training) created in the first half of 2022. The activities developed are related to the theme "The impact of the discipline of Libras in the academic training of undergraduate and graduate students" The group involves undergraduate students and teachers from this institution in the area of Libras around discussions that aim to spread Libras and promote the naturalization of disabilities, especially hearing impairment. The methodological paths adopted are based on bibliographic research, readings, debates and contextualization and exemplification in the job market, according to the students' areas of activity. The results, so far, obtained are not restricted nor are they restricted to the personal experiences of each member, but unfold in experience reports, participation and presentation in congresses, production of essays, articles and various publications in journals.

Keywords: Libras. Inclusion. Study group. Formation.

1. Introdução

Neste trabalho, descrevemos a trajetória da pesquisa coletiva desenvolvida pelo Gelfh, no UNIGOIÁS, esse grupo de estudo constitui-se como uma inovação no sentido de pensar a relevância da Libras na formação profissional e acadêmica dos discentes, além de suscitar indagações a inclusão de tod@s de fato e de direito em todas as esferas sociais até que ocorra a naturalização das deficiências em todos os setores organizacionais, sociais, jurídicos, educacionais, familiares etc.

No decorrer do trabalho, várias questões têm sido apontadas, destacamos nossa preocupação em valorizar nos espaços acadêmicos trabalhos que se pautem por perspectivas de ações coletivas colaborativas, dialógicas, multiculturais e, portanto, menos individualistas diante da instabilidade política e da necessidade de produção acadêmica debates sobre este tema. Sendo assim, essa pesquisa constitui-se como um trabalho colaborativo cuja intenção formativa sobrepõe às demandas individualizadas e extremistas, devido ao seu eu caráter democrático e dialógico.

Vale ressaltar que, justamente por isso, possibilita uma interlocução entre o ensino a pesquisa e a extensão, pois o resultado dos debates decorrentes dos grupo de estudo e das leituras estende-se, sobretudo, para o campo profissional e para o campo pessoal de cada participante do grupo, ou seja, além de pautar em um compromisso ético, político, filosófico, epistemológico e social, visto que visa produzir epistemes relevantes ou até mesmo questionar as existentes sobre essa temática em busca de respostas afim de desvelar preconceitos historicamente arraigados sobre a Libras, sobretudo, em relação aos deficientes auditivos.

Desse modo, o grupo de estudo estrutura-se em um trabalho coletivo fundamentado em autores que defendam uma educação de qualidade democrática e inclusiva capaz de fato promover o desenvolvimento intelectual, filosófico e humano de tod@s que foram excluídos ao longo do processo educacional.

2. Fundamentação teórica

Esse grupo de estudo visa refletir sobre o impacto da disciplina de Libras na formação acadêmica, bem como o reflexo que essa disciplina pode gerar na atuação profissional d@s discentes na perspectiva da comunicação como propulsora de inclusão social. Sendo assim, pretende-se analisar casos reais cuja falta de comunicação podem interferir na atuação profissional; discutir sobre o conhecimento

que os discentes têm sobre o povo surdo e a cultura surda, sobretudo, a Língua Brasileira de Sinais; bem como promover futuramente, cursos específicos para atuação profissional mediante demanda e sugestões dos acadêmicos.

Neste sentido, De acordo com a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras – Língua Brasileira de Sinais, é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão cujo sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, e que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Sendo assim, a Libras passa a ser utilizada como meio de comunicação e expressão entre surdo e surdo e/ou surdo e ouvinte. Em dezembro de 2005, o Decreto Nº 5.626 regulamentou a Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002. E uma das disposições do Decreto foi a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória para os cursos de Fonoaudiologia, Licenciatura e Pedagogia, ficando como optativa para os demais cursos superiores.

Logo, tornar a Libras em uma disciplina obrigatória e optativa nos cursos superiores, auxilia em sua propagação, e conseqüentemente na inclusão social, tornando o contato com a Libras, por parte de ouvintes não usuários das línguas de sinais, crescente. Ações como essa corroboram na formação de futuros profissionais, possibilitando atendimentos sem restrições, no que diz respeito à comunicação, e oportuniza a pessoa surda o acesso aos serviços básicos que uma pessoa tem direito.

Portanto, percebe-se que a educação reflete diretamente nos processos que envolvem a vida diária de uma pessoa. Sendo assim, a disciplina de Libras, certamente, tem ou terá um papel relevante no processo formativo acadêmico que irá refletir na atuação profissional de cada indivíduo. Considerando que a comunicação é um dos elementos de grande contribuição na inclusão do surdo, pois a partir da linguagem o surdo poderá se expressar, compartilhar, se opor, manifestar aquilo que está sendo constituído dentro dele, enquanto ser humano. Para que isso seja possível, é importante que alguns conceitos errôneos sejam desconstruídos, pois ainda existe muito desconhecimento sobre a Libras, o surdo e a surdez. Fundamentos que são básicos para a construção de um caminho inclusivo.

Com base em Gesser (2009) ainda existe crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade da comunidade surda, como por exemplo, que a Libras é uma língua universal, de acordo com a autora, essa concepção está ligada a ideia de que toda língua de sinais é um código simplificado aprendido e transmitido aos surdos de forma geral. Porém, assim como as línguas orais, em que cada comunidade linguística pertencente a países distintos tem sua própria língua, as línguas de sinais também seguem esse princípio. Ainda que haja em algum momento possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas, sejam elas orais ou de sinais, alguns fatores proporcionam uma diversificação e mudança da língua dentro de uma comunidade linguística, como por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial.

Sendo assim, a Libras não é universal, é uma língua brasileira de sinais, utilizada pelos surdos e ouvintes brasileiros. Cada país tem sua língua de sinais, respeitando as particularidades que são formadas por fatores sociais, culturais, regionais, geográficos entre outros. E quando se trata de cultura, o sujeito surdo tem uma cultura própria, que de acordo com Strobel (2006), é a forma como ele vê o mundo e o modifica, a fim de torna-lo acessível e habitável. São os ajustes feitos conforme suas percepções visuais, o que contribui para a definição das identidades surdas. Uma vez que a cultura surda abrange a língua, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Outra falta de informação que compromete a forma como a comunidade surda é vista, está relacionada ao termo correto utilizado para se referir à pessoa que tem surdez, muitos chamam de “mudinho”, “surdo-mudo”, “mudo”, mas o termo correto a ser utilizado é “surdo” ou “deficiente auditivo”. A comunidade surda, preferi o termo surdo e desconsidera o termo “mudinho”, sendo que o surdo, tem uma comunicação que acontece por meio da língua de sinais, portanto, a pessoa surda não é muda, apenas surda.

Outra crença citada por Gesser (2009) é sobre a surdez, vista como um fator que compromete o desenvolvimento cognitivo-linguístico do indivíduo. Esta concepção pode gerar consequências graves na vida do sujeito surdo, pois boa parte da comunidade ouvinte acredita que uma pessoa que tem surdez não consegue pensar, se comunicar ou se desenvolver nas diversas esferas da sociedade. Entretanto, não é a surdez que coloca o surdo neste lugar e sim a falta de acesso a uma língua, pois a pessoa que tem apenas surdez consegue desenvolver suas habilidades cognitivas e linguísticas quando tem acesso a língua de sinais, sendo a linguagem importante na construção do conhecimento e das relações interpessoais estabelecidas na sociedade.

Por este motivo, no caso do Brasil, quando um ouvinte aprende Libras, ele está construindo uma ponte, em que a comunicação transitará livremente, possibilitando o desenvolvimento do surdo em diversas esferas sociais.

Marin e Góes (2006) afirmam que a comunicação é uma das maiores dificuldades que os surdos enfrentam ao acessarem o mercado de trabalho, bem como as diversas áreas de atividades básicas da sociedade. Quando se trata da inserção do surdo no mercado de trabalho, com base nas autoras Marin e Góes (2006), as irregularidades no cumprimento de compromissos de trabalhos muita das vezes são atribuídas à irresponsabilidade por parte do trabalhador surdo, e termina em demissão. Porém, o espaço de trabalho é apresentado como mais um local em que há uma predominância ou exclusividade da língua oral, e na maioria dos casos, não existe uma preocupação por parte dos empregadores em preparar a empresa ou até mesmo os gestores para receberem trabalhadores surdos.

Os surdos que foram entrevistados pelas autoras, relatam diversos casos em que comprovam que na maioria das vezes uma demissão aconteceu devido à confusão na comunicação como: falta de acesso a instruções básicas para o desenvolvimento de determinadas tarefas; falta de orientações em língua de sinais a respeito de regras básicas da empresa, como bater um ponto no horário adequado, por exemplo. Além disso, existe uma desconsideração linguística por parte dos gestores, e dos outros funcionários ouvintes, não só no ambiente formal de trabalho, mas nos momentos informais de conversas sobre o cotidiano da empresa, uma vez que, ao se reunirem em um momento de lanche, por exemplo, funcionários conversam sobre assuntos do cotidiano da empresa, acontecimentos de colegas, eventos que aconteceram, experiências que tiveram, mas na maioria das vezes, por causa da língua predominante que estão utilizando, a língua oral, o surdo não participa, apenas observa.

Quando o acesso da pessoa surda é a serviços e locais públicos a realidade não muda, a barreira comunicacional ainda é presente. Existem alguns relatos de surdos que afirmam não ter dificuldade em acessar esses locais, porém, os dados apresentados por Marin e Góes (2006) revelam que na maioria das vezes o sujeito surdo precisa de um acompanhante para acessar determinados lugares, como por exemplo, ir a uma consulta médica. E, quando vão a lugares comerciais como,

supermercados, lojas e bancos, o contato apresenta-se como restrito, limitando-se a interações básicas.

Com base nessa explanação, compreende-se o quanto as relações interpessoais são importantes na vida de um indivíduo. De acordo com Vygotsky (1995) a formação individual da pessoa se dá em relações que se vinculam primeiramente à estrutura social do coletivo, que se refere ao interpessoal, e em seguida à estrutura social referente ao intrapessoal. Com isso, justifica-se a importância deste grupo de estudo, em razão de proporcionar uma discussão sobre questões que envolvem o surdo, bem como sua língua, cultura e outras particularidades.

O relato de participantes do grupo de estudo evidenciou a necessidade da criação de debates na esfera acadêmica, sobre a inclusão e a desmistificação de conceitos inadequados e sustentados por muitos, devido à falta de informação. A seguir é explanado recortes de participantes do grupo de estudos, expondo suas opiniões.

“Ao longo da disciplina de Libras pude notar como eu era e ainda sou leiga em relação à cultura dos surdos, mas serviu de alerta para me empenhar e me engajar nessa luta, que é obrigação de todos, tanto profissionais da educação, sociedade e dever do Estado dá suporte necessários para que eles possam viver livremente como qualquer um de nós ouvintes. Como uma simples ida ao médico, banco, padaria e tanto outros se torna uma tarefa árdua para a comunidade surda” (participante 01 do grupo de estudos de Libras 2022/1)

Neste trecho, a participante reconhece a dificuldade que os surdos têm em acessar serviços básicos do cotidiano, além disso, esse reconhecimento só foi possível, após a aluna ter tido contato com conceitos básicos sobre a comunidade surda, através do grupo de estudos.

“No período que foram feitos os debates e também por meio dos materiais de estudo, nos deparamos com situações que antes não poderíamos sequer imaginar. A nossa estrutura educacional não vem acompanhando a modernidade do mundo, escolas que foram feitas para ensinar não estão aptas para agir de acordo com essa situação, se houvesse uma fiscalização nos institutos de educação veríamos que nenhuma ou quase nenhuma tem estrutura para receber um aluno com dificuldades”. (participante 02 do grupo de estudos de Libras 2022/1)

Neste relato, o aluno expõe uma crítica, associando as dificuldades que os surdos enfrentam nas atividades básicas das diferentes esferas da sociedade à estrutura educacional, e a falta de fiscalização por parte do poder público. De acordo com o decreto Nº 5.626, de 2005, que foi discutido durante os encontros no grupo de estudo, os surdos têm direito de acesso à educação utilizando a língua de sinais. E ainda, as escolas devem ser providas de professor de Libras, instrutor e intérprete de Libras, professores que ensinam a Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos, professor regente de classe que respeita a singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos, entre outros.

Na empresa que eu trabalho temos mais de 300 colaboradores e pelo sistema de cotas temos deficientes físicos e/ou com outras deficiências, porém como têm que haver uma preparação maior para receber um colaborador surdo não se contrata

peças com estas condições, o que é uma pena, após aprofundarmos através do grupo de estudos que tivemos, eu pude compreender melhor sobre a importância para a sociedade desta inclusão social, e levei para o nosso departamento de recursos humanos um projeto para iniciarmos ainda este ano, com treinamento de colaboradores para atenderem clientes não ouvintes, para eles sentirem a vontade em vir sozinhos as nossas lojas, e em consequência desta capacitação dos nossos colaboradores, podemos receber futuros colaboradores não ouvintes, pois termos uma comunicação mais aberta, será mais clara e concisa entre eles. (Participante 03 do grupo de estudos)

O trecho do participante 03 demonstra a importância que há em uma empresa preparada para receber trabalhadores surdos, pois a partir do momento que uma empresa tem esse tipo de preocupação, ela não está cumprindo apenas a legislação estabelecida pela lei Nº 8.213, de 1991, lei que estabelece cotas para contratação de pessoas com deficiência, mas realmente, está preocupada com a inclusão. Além disso, o participante desenvolveu um projeto que visa uma melhoria na comunicação e, conseqüentemente, nas relações interpessoais entre a empresa e o sujeito surdo.

3. Procedimentos metodológicos

A criação do grupo de estudos Gelfh se deu para buscar respostas em relação relevância do ensino da Libras na formação dos discentes do UNIGOIÁS visto que a disciplina é ofertada, na modalidade EAD, de forma optativa para tod@s @s interessad@s. Assim questiona-se se esta disciplina seria validada pel@s alun@s e como contribuiria para a sua formação na atuação profissional, tais indagações, com o passar do tempo, suscitaram inquietações nas professoras da disciplina, culminando com a criação deste grupo de estudo.

A priori, a ideia é fosse ofertada vinte vagas a apenas discentes dos cursos presenciais, contudo, como não foi colocado tal requisito no projeto, alun@s de outras modalidades também se inscreveram, o que de certa forma agregou vivências aos debates, possibilitando a emergência de uma miríade sobre a Libras, conseqüentemente, inclusão.

Nesses comenos, o Gelfh é o primeiro grupo de estudo da área abordando a temática supracitada e foi o primeiro período ofertado, está vinculado à Supervisão da Área de Pesquisa Científica dessa instituição, cuja atribuição é “[...]a atribuição de desenvolver políticas de desenvolvimento na área científica na comunidade acadêmica em articulação com as atividades de pesquisa dos diversos cursos que o UNIGOIÁS oferece (UNIGOIÁS, 2022)”.

Por conseguinte, a dinâmica de funcionamento é semanal, sendo uma para leitura e aprofundamento temático (esta ocorre da forma que @s discentes escolherem) e outra em colegiado, devido ao contexto pandêmico, esta se realiza remotamente, por meio da plataforma Teams, das 18h às 19h. Vale ressaltar que a pauta destes encontros segue um cronograma planejado (sujeito a alterações), especialmente, por duas integrantes do grupo- as professoras; mas a partir das demandas e das discussões dos encontros do colegiado poderá ser alterado. Assim, foi combinado que uma semana seria de pesquisa, outra semana seria de debate de tal forma que @s integrantes estão em contínua atividade.

É pertinente pontuar as ações desenroladas durante os encontros síncronos: iniciamos nossa reunião compartilhando as impressões de leitura da semana anterior , apresentando sugestões de aprofundamento temático e casos, contextos em que as leituras puderam ser vivenciadas ou exemplificadas no cotidiano profissional, familiar dos integrantes da equipe; em seguida, as questões da próxima pauta são compartilhadas e as possíveis demandas.

Assim, os encontros obedeceram a um cronograma determinado (em anexo). O primeiro encontro nosso ocorreu do dia 3 de março do corrente com a apresentação geral dos membros do grupo e as perspectivas sobre o grupo de cada um/uma/ume. Ouvimos debatemos, discutimos quais seriam os nossos objetivos e pretensões a serem alcançadas, esclarecemos o que concerne um grupo de estudo.

Nesse ínterim, acordamos que, no dia 6/4/2022, a pauta seria a leitura coletiva do texto *A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano* de Carla Regina Marin e Maria Cecília Rafael de Goes. Esclarecemos que a escolha desse artigo se pelo fato que as autoras dão voz aos deficientes surd@s, dessa forma, o texto permite que compreendamos o lugar de fala deles e visualizemos experiências vividas pelas pessoas surdas nas diversas esferas sociais.

A partir de então, nos demais encontros lemos e discutimos a legislação que rege a Libras, 10.436 de 2002 e pelo decreto 5.626 de 2005, resolução complementares relacionadas à inclusão, textos teóricos sobre esta língua de sinais, além das crenças e estereótipos em torno dela e da realidade surda com a finalidade de quebrar preconceitos ou amenizá-los e textos que tratam da importância de uma formação acadêmica inclusiva que possibilite a inserção de tod@s em todas as esferas da sociedade.

4. Considerações Finais

A criação e implantação do Gelfh, nesse semestre, possibilitou desvelar a relevância da pesquisa na área de inclusão, fomentando uma experiência entre a teoria e a prática pautada numa relação dialógica de debates e reflexões sobre a própria formação acadêmica e as ações a priori determinadas pelo coletivo.

Desta forma, corroborou para que todos tivessem a corresponsabilização e se tornassem autômatos no seu processo de ensino e aprendizagem, visto que desde o primeiro texto escolhido, a organização das reuniões, a pauta debatida e os exemplos trazidos contribuíram para que fizéssemos uma tessitura teórica e metodológica sobre a realidade dos deficientes nas diversas esferas sociais neste país.

Vale ressaltar que o Gelfh compreende as dificuldades de cada um/uma/ume d@s integrantes do grupo; desde a leitura, interpretação, análise, realidade sócio-histórica sociofilosófica que fazem parte do universo deles, todavia percebemos que são sujeitos cujas vivências agregam à pesquisa, cujos saberes se complementam, além de terem total autonomia para participar dos encontros.

Ratificamos ainda que por ser encontros remotos, em casos de queda da conexão, as aulas ficaram gravadas para que tivessem acesso posterior aos debates, resultando no processo dialético que ultrapassa o tempo e espaço, constituindo um acervo documental gravado para posterior análise estudo e divulgação, pois acreditamos que o mais importante é oportunizar que os sujeitos que participaram do Gelfh sejam multiplicadores da inclusão e corroborem com a naturalização dos deficientes na sociedade brasileira, sobretudo, no mercado de trabalho; saibam a relevância da Libras nesse contexto como uma língua que possibilita a inclusão do surdo .

Mas o mais importante dessa produção de saberes os quais se tornam construtos históricos filosóficos que oportunizam refletir e alterar esta realidade historicamente excludente, e ao mesmo tempo um desvelar de como é ser deficiente nesse país e a partir desses estudos despertar a alteridade em todos os sujeitos que participam desse grupo de estudo.

5. Referências

Almeida, L. C., & Betini, G. A. (2016). A qualidade da escola: Debatendo princípios rumo à construção de uma qualidade socialmente referenciada. *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, 9(2).
<https://doi.org/10.15366/riee2016.9.2.003>

Brasil. Ministério da Ciência e Tecnologia. (2022). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil [Internet]*. Brasília (DF), Disponível em:
<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Brasil. Decreto nº 5.626. (2005). *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

Brasil. Lei nº 10.436. (2002). *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

Brasil. Lei nº 8.213. (1991). *Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

Gesser, Audrei. (2009). *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo. Parábola Editorial.

Marin, C. R., & Góes, M. C. R. de. (2006). A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano. *Cadernos CEDES*, 26(69), 231–249.
<https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200007>

Souza, R. T. de, & Miranda, J. C. (2020). Práticas e instrumentos de inclusão: Libras, Braille e mediação escolar. *Revista Educação Pública*, 20(11).
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/11/praticas-e-instrumentos-de-inclusao-libras-braille-e-mediacao-escolar>

Strobel, Karin. (2008). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC.

Vigotski, L.S. (1995). *Problemas del desarrollo de la psique*. Obras Escogidas – vol. 3. Madri: Visor.

Xavier, A. N. (2018). De que forma a disciplina “libras” pode contribuir com a formação de professores para a educação inclusiva? *Revista Sinalizar*, 3(2), 3–24.
<https://doi.org/10.5216/rs.v3i2.55188>